FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Antropologia cultural: um itinerário para futuros professores de História**. Guarapuava: Unicentro, 2009. 107p.

DIOGO DA SILVA ROIZ¹
UEMS

A coleção 'História em Construção' da editora da Universidade Estadual do Centro-Oeste (a Unicentro/PR) teve início em 2008, para instrumentalizar alunos que começam a fazer o curso de História à distância. A coleção já publicou quatro títulos: "História: temas e debates introdutórios", de Jean Rodrigues Sales (2009), "Escrituras da história: da história mestra da vida à história moderna em movimento (um guia)", de Karina Anhezini (2009), "Do Antigo Oriente Próximo a Roma: uma abordagem da Antiguidade", de Michele Tupich Barbosa (2009) e "Antropologia Cultural: um itinerário para futuros professores de História", de Ricardo Alexandre Ferreira (2009a). Todos eles, até aqui publicados, tem o mesmo perfil didático e introdutório, entre 70 e 110 páginas, sucintos nas discussões e exposições, com notas explicativas, cuja função básica é o de esclarecer o iniciante sobre o uso de conceitos, a análise de momentos históricos e autores. Suas tiragens são baixas, com 400 exemplares. E infelizmente a editora não conta com uma política de comercialização de suas obras, o que as tornam um pouco restritas para o grande público. Mas mesmo tendo esse perfil definido, os textos podem ser do interesse de pesquisadores e de leitores de temas de história.

¹ Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Mestre em História pelo programa de pós-graduação da UNESP, Campus de Franca. Professor do departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai, em afastamento integral para estudos. E-mail: diogosr@yahoo.com.br.

É o caso do livro de Ricardo Alexandre², cujo objetivo principal é demarcar as relações entre Antropologia e História, por meio dos debates a respeito do que é a cultura, e de como a ‘história cultural’ passou a ser o foco comum de ambas no século passado. Neste ponto, o autor remonta aos debates do início do século XX, para demonstrar como esse interesse comum entre elas não terá seu ponto inicial nos anos 70 e 80 com a obra de Clifford Geertz (“A interpretação das culturas”), mas entre os anos 20 e 30, a partir dos textos de Franz Boas (1858-1942), cuja obra será fundamental para Gilberto Freyre (1900-1985) desenvolver sua abordagem em “Casa-grande e senzala” (de 1933). O livro, portanto, procura historicizar os principais momentos que contribuíram para o surgimento (do que se definiu) de a ‘Nova História Cultural’.

Para os iniciantes o recurso é esclarecedor por permitir reconstituir contextos e debates, e rever a ideia simplista de configurar o surgimento desta abordagem nos anos 80 e 90 do século passado. A abordagem do autor permite ainda que o leitor possa verificar quem escreveu o texto, sua importância no momento e sua herança, quando escreveu, e sob qual contexto, quais as fontes que considerou, porque escreveu e a quem interessou que aquela interpretação fosse feita (no campo histórico ou antropológico). Essas questões são importantes, porque é preciso conhecer “as regras do meio e as artes do ofício”. Além disso, elas servem para pensar o que há de comum entre as disciplinas e quais os pontos de cruzamentos dos debates desenvolvidos entre elas. Para ele:

Todas as crenças, todos os costumes, todos os hábitos, todas as preferências e todas as práticas têm uma história. Estão inseridos em práticas culturais historiáveis. Aí está uma primeira resposta à nossa indagação central. De maneira geral, muitos

² Ricardo Alexandre Ferreira concluiu seu mestrado, em 2003, sobre: “Escravidão, criminalidade e cotidiano: Franca, 1830-1888”, cujos resultados da pesquisa podem ser encontrados em: “Senhores de poucos escravos” (2005). Em 2006 concluiu seu doutorado, dando continuidade a este tema, com: “Crimes em comum: escravidão e liberdade no extremo nordeste da Província de São Paulo (Franca, 1830-1888)” (2006), que pode ser acessado na página (da Unesp, Campos de Franca, onde ambos os trabalhos foram desenvolvidos): http://www.franca.unesp.br/poshistoria/Tese_Ricardo_Alexandre.pdf. Resultados parciais do trabalho podem ser encontrados, numa versão revista em: “História das prisões no Brasil” (2009b). Desde 2007 é professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste (a Unicentro, do estado do Paraná), onde atua na área de História do Brasil.

historiadores e antropólogos partilham hoje dessa mesma opção interpretativa – historiar, compreender e interpretar múltiplas possibilidades coexistentes de práticas culturais (FERREIRA, 2009, p. 19).

Para efetuar esta análise o autor tomou como base as obras de: François Laplatine (“Aprender antropologia”), Roque de Barros Laraia (“Cultura: um conceito antropológico”), Manuela Carneiro da Cunha (“História dos índios no Brasil e Antropologia do Brasil”), François Dosse (“História do estruturalismo”) e Peter Burke (“O que é história cultural?”). Essas obras permitiram-lhe demonstrar a especificidade de cada contexto histórico, ao analisar os textos de: Franz Boas (“Antropologia cultural”), Claude Lévi-Strauss (“Antropologia estrutural”) e Clifford Geertz (“A interpretação das culturas”). O autor permite, com isso, que o leitor verifique como ele próprio desenvolveu sua interpretação deste tema, ao efetuar suas pesquisas.

Ressalta que a Antropologia não se define apenas por estudar o homem e as suas organizações sócio-culturais, como “uma maneira própria de interpretar e compreender *o que faz do homem Homem* – em cada lugar e em todos os lugares, em cada época e em todas as épocas” (FERREIRA, 2009, p. 27). Todas as Ciências Humanas, de um modo ou de outro, interpretam a ação e as atitudes humanas. A Antropologia passou por um desenvolvimento comum e integrado com estas outras áreas desde o século XVIII, em que “a relação da Antropologia cultural com a História no mundo contemporâneo, [...] se dá [...] a partir dos desdobramentos das vertentes científicas da História e da Antropologia” (FERREIRA, 2009, p. 32). No caso da Antropologia, a sua tensão esteve entre a análise das vertentes “física” (biologia/natureza) e “cultural” (sociedade/cultura), que ocorreu, especialmente, no século XIX. No caso da Antropologia cultural, esta abordaria “o homem a partir de sua forma de explicar o mundo, a partir de uma concepção *cultural*, de ser civilizado e simbólico” (FERREIRA, 2009, p. 33). Ela “parte do pressuposto de que as características humanas são adquiridas historicamente” (FERREIRA, 2009, p. 34). De acordo com ele:

[...] o antropólogo alemão radicado nos Estados Unidos, Franz Boas, tido como um dos pais da Antropologia cultural, já propunha no início do século XX que a Antropologia se apropriasse dos métodos da

Arqueologia. Outro diálogo interdisciplinar fundamental para o desenvolvimento da Antropologia, bem como para as relações desta disciplina com a História, nasceu do contato de um etnólogo belga [Claude Lévi-Strauss] nos Estados Unidos da América com a Lingüística Estrutural russa e francesa (FERREIRA, 2009, p. 40).

Foi justamente historiando a trajetória de Claude Lévi-Strauss na França, no Brasil e nos Estados Unidos que:

É possível afirmar que Comte e Lévi-Strauss partilham pressupostos sobre a ciência, tais como: 1) O conhecimento de fugir da filosofia tradicional; 2) As análises procedidas pelos cientistas sociais devem afastar-se das explicações psicológicas, marcadas pela valorização do individual e do particular; 3) O saber precisa necessariamente se transformar em ciência, em teoria, deve aspirar a compreensão da globalidade. Entretanto, não nos equivoquemos. Lévi-Strauss não retoma o cientificismo dos antropólogos físicos ou biólogos dos séculos XIX e início do XX – em geral, evolucionistas, deterministas e, por extensão, racistas –, mas suas questões vão ao fundo da noção de ciência em Antropologia (FERREIRA, 2009, p. 45).

Ao estabelecer tal diálogo, esta abordagem contribuiu para que:

Menos do que uma crítica à racionalidade iluminista e progressista de historiadores franceses e alemães que produziram entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX, o problema mais significativo estabelecido entre a Antropologia Estruturalista e a História, ambas vistas em perspectivas bem amplas, foi a crença dos historiadores na utilidade interpretativa das ações tomadas conscientemente pelos indivíduos. A crença, um ato de fé, na utilidade explicativa do fato, do único, do individual, do específico, do evento, do acontecimento, do efêmero e, ao mesmo tempo, no pressuposto da variação ilimitada de possibilidades das culturas no tempo e no espaço (FERREIRA, 2009, p. 48).

Em meio a essas questões que se inscreverão as pesquisas realizadas por Clifford Geertz, nas décadas de 1950 e 1960, que resultaram nas suas análises de “A interpretação das culturas” (de

1973), onde partiu do pressuposto da cultura como culturas, “estruturas de significado socialmente construídas” e prefiguradas simbolicamente pelos grupos, nas quais a função do antropólogo seria justamente a de “descrever densamente” seus código e sua estrutura de significados. Ao pormenorizar essas características metodológicas da abordagem de Geertz, o autor recorda que:

O que Boas propõe é um redimensionamento da perspectiva de explicação histórica das culturas. O que interessa não é apenas o que é, mas como veio a ser. No campo da etnologia, no entanto, dado à falta de tradição escrita no interior da maioria dos povos estudados, as evidências de mudança cultural têm que ser analisadas de maneira indireta com o apoio da Arqueologia. Assim, o novo método baseia-se na comparação de fenômenos estáticos, combinada com o estudo de sua distribuição (FERREIRA, 2009, p. 79).

Ao indicar essas questões, o autor demonstra os diferentes contextos e momentos de desenvolvimentos dos debates na pesquisa antropológica, não por acaso voltando-se para as questões culturais, e de que maneira os historiadores além de dialogarem com os antropólogos, também se serviram de suas análises da cultura, para realizarem suas interpretações das sociedades do passado, como foi o caso da obra de Gilberto Freyre. Para ele:

Na década de 1930, a chegada ao Brasil de historiadores e cientistas sociais franceses para a ‘organização da Universidade de São Paulo’ era apenas mais uma das vias de contato entre o cenário acadêmico brasileiro e as idéias que circulavam no exterior. São Paulo já não tinha mais tantos índios em seus subúrbios e nem mesmo era o único lugar onde as ciências sociais se desenvolviam no país. Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide, curiosamente, acabaram por formar alguns dos mais destacados cientistas sociais do país, os quais se tornariam grandes rivais políticos e acadêmicos de Freyre nos anos que se seguiram. A rivalidade entre o sul e o nordeste do Brasil de certa forma também era uma rivalidade entre o Velho e o Novo Mundo, entre idéias francesas e norte-americanas em disputa. Um choque de culturas que acabou por forjar uma maneira diferente de se pensar a alteridade (FERREIRA, 2009, p. 101).

E que permite ainda matizar o desenvolvimento da “Nova História Cultural”, não limitando seus debates aos percursos de Clifford Geertz e Robert Darnton, por exemplo. Neste ponto, o livro possibilita ao iniciante um belo painel destas discussões e questões, num itinerário bem informado e didático. Contudo, o autor poderia ter avançado mais em alguns pontos se tivesse incluído a análise de: Marshall Sahlins (de “Metáforas históricas e realidades míticas”) que permitiria aprofundar o olhar da História e da Antropologia sobre a análise das “estruturas” e dos “acontecimentos”, ou Homi Bhabha (de “O local da cultura”) que além de contextualizar os debates sobre o pós-colonialismo, dariam um exemplo sobre as leituras que foram feitas da obra de Clifford Geertz, e mesmo Terry Eagleton (de “A idéia de cultura”) que reconstituiu os diferentes entendimentos sobre a cultura, no tempo e no espaço. Um ou outro manual acadêmico de história da antropologia poderia ser acrescentado, mas isso não altera a pertinência do texto. Portanto, além de ser uma boa apresentação da Antropologia e de sua história, e de demonstrar as relações entre História e Antropologia, por meio das discussões sobre a cultura, o livro também permite que se reveja o desenvolvimento das discussões do que é e de como surgiu a “Nova História Cultural”.

Referências bibliográficas

ANHEZINI, Karina. **Escrituras da história**: da história mestra da vida à história moderna em movimento (um guia). Guarapuava/PR: Ed. Unicentro, 2009.

BARBOSA, Michele Tupich. **Do Antigo Oriente Próximo a Roma**: uma abordagem da Antiguidade futuros. Guarapuava/PR: Ed. Unicentro, 2009.

FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Senhores de poucos escravos**. São Paulo: Edunesp, 2005.

_____. **Crimes em comum**: escravidão e liberdade no extremo nordeste da Província de São Paulo (Franca, 1830-1888). 2006. 211 f. Tese (Doutorado em História) – FHDSS/UNESP, [2006].

_____. **Antropologia cultural**: um itinerário para futuros professores de História. Guarapuava: Unicentro, 2009a.

_____. O tronco na enxovia: escravos e livres nas prisões paulistas dos oitocentos. In: BRETAS, Marcos Luis et al (Orgs.). **História das Prisões no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 179-215. v. 1.

SALES, Jean Rodrigues. **História**: temas e debates introdutórios. Guarapuava/PR: Ed. Unicentro, 2009.